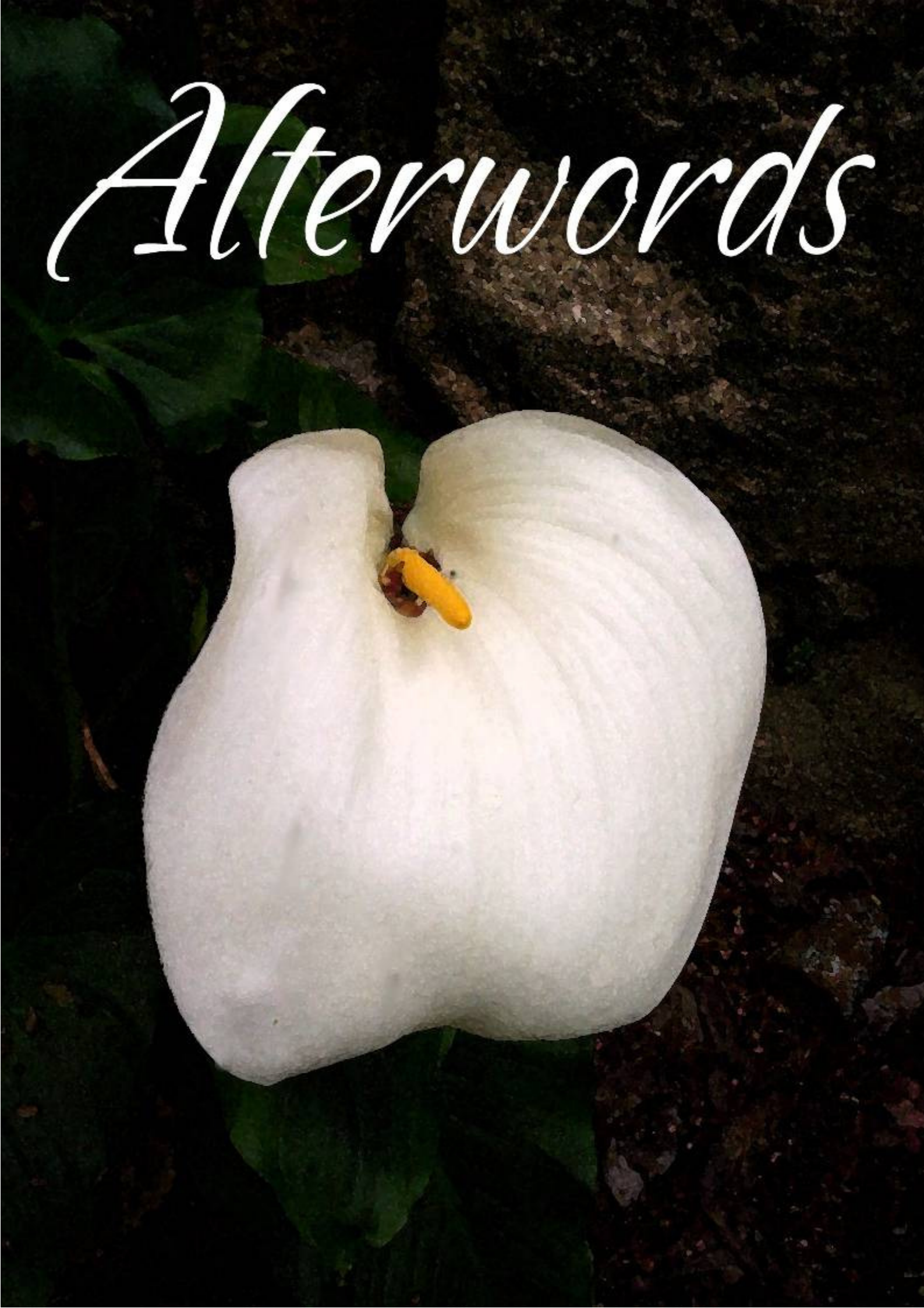
Afterwords



Índice

Editorial----------3

Livro do Mês----------4

Críticas a livros----------5

A Clepsidra de Cristal, parte II----------8

Micro-narrativas ----------10

Contos:

A rainha das aparências----------12

Naquela Noite ----------16

A Borboleta----------17

Inferno----------19

Poeta Escravo----------21

Entrevista com… ----------23

Canto da Poesia ----------25

Visões e Opiniões----------28

Excertos da nossa vida ----------29

Espaço online----------30

Doze Passas para a Meia-noite----------31

Espaço Fotografia----------32

Do livro para… Cinema ----------36

Sítios onde a escrita flui ----------37

Agenda Literária ----------39

Comentário Final----------40

Editorial

No passado dia 9 de Março estive presente nas comemorações do Dia Internacional da Mulher em Santa Marta de Penaguião a convite das nossas colaboradoras Carla Ribeiro e Susana Catalão que apresentariam o seu livro no evento.

Primeiramente, é obrigatório felicitar a Câmara de Santa Marta de Penaguião pela iniciativa, uma tarde bem passada que juntou Música, Literatura e Teatro, tudo feito com mulheres da terra. É um exemplo a seguir.

O livro "Dualidades" de Susana Catalão e Carla Ribeiro foi então apresentado e está em destaque na edição deste mês e quem melhor para falar do livro que não as autoras, que com muito orgulho, fazem parte da equipa da casa?

Aproveitando o Dia Internacional da Mulher partilho convosco nomes na literatura de reconhecida qualidade como Florbela Espanca,Isabel Allende, Sophia de Mello Breyner Andressen, Virginia Woolf, mas também de Carla Ribeiro, Susana Catalão, Daniela Pereira, Susana Machado, Liliana Duarte ou Liliana Lopes. Porque quando acreditamos tudo é possível. E estas mulheres que, felizmente, fazem parte deste projecto têm asas para um percurso extraordinário. E ainda bem que assim o é.

Para acabar, permitam-me reforçar o apelo que a Susana Catalão fez na sua apresentação. Jovens, escrevam! Não desistam antes de começarem, nem ao primeiro obstáculo, a batalha árdua faz com que as vitórias sejam muito mais saborosas.

Bruno Pereira

Livro do Mês

DUALIDADES

Título: Dualidades

Autoras: Carla Ribeiro e Susana Catalão

Editora: Edium

Preço: 11€

Provavelmente parecerá estranho que um livro seja comentado pela própria autora. Diga-se, pois, desde já, que não é isso que se pretende. Este pequeno comentário servirá, essencialmente, para apresentar aos leitores o conceito por detrás do livro Dualidades.

Tudo começou com um desafio. Qual seria o resultado se duas autoras, diferentes no seu estilo próprio, abordassem segundo os seus pensamentos e ideias as mesmas temáticas? Decidimos arriscar. E o resultado foi esta colectânea de oitenta poemas, divididos em duas partes, tão inversas e diametrais como a própria essência que os constitui.

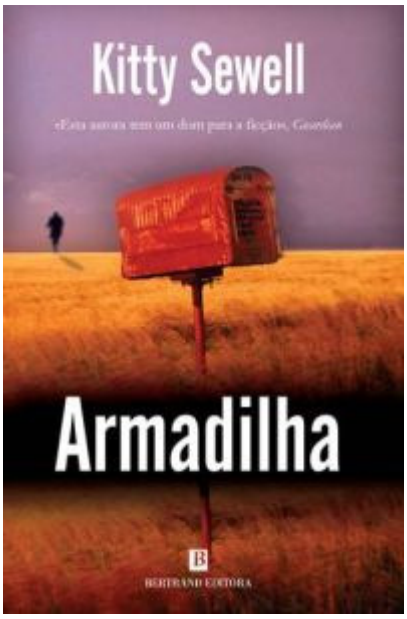
Luz e obscuridade. Voz e silêncio. Aurora e crepúsculo. Através das páginas deste livro, queremos desafiar os nossos leitores a divagar através de visões luminosas e de paisagens obscuras, descobrindo, verso a verso, sentimentos, imagens e emoções, como se numa teia onde o sonho se funde com o pesadelo.

Qualidade do livro? Isso não me compete a mim avaliar. Deixo-vos, por isso, apenas o desafio. Arrisquem-se a entrar no nosso mundo de (in)versos e descubram a visão do sonho, da sombra e do destino através dos nossos olhos. Temos um mundo novo à vossa espera em cada poema e tudo fizemos para vos levar a sonhar. E fica também o convite... Atrevam-se a olhar para dentro de cada palavra, no mistério de cada sombra e de cada sentido... Toda a imagem tem a sua dualidade

Carla Ribeiro

Críticas a Livros

Armadilha



Ficha técnica:

Título: Armadilha

Autor: Kity Sewell

Editora: Bertrand

PVP: 18, 95€

Pode um teste de ADN falhar?

Vencedor do BBC Wales Reader's Prize, nomeado para o Crime Writers Association New Blood Award e para o Wales Book of the Year, o mistério é a nota dominante nesta *Armadilha* com que Kitty Sewel se estreou. O frio que enregela os ossos ou o calor abrasador sentem-se ao virar de cada página, tão boas as descrições que são feitas.

Fica-se a conhecer a vida de Dafyd Woodruff, cirurgião conceituado, cujo quotidiano é subitamente abalado pela chegada de uma carta, onde fica a saber que na cidade de Moose Creek (onde viveu há 15 anos), é pai de gémeos. Ele sabe que isso é impossível e sabe também que os testes de ADN não falham. Mas… Com o casamento e a carreira a desmoronar, revisita o passado em busca da verdade. A partir daí, a leitura oferece uma trama de mistério, intriga, *suspense*, emoções fortes, lutas interiores, confrontos passado/presente, mas também verdade, amizade, amor e compromisso.

Kitty Sewel é uma viajante. Nasceu na Suécia, estudou em Espanha e emigrou para o Canadá. O amor levou-a até ao País de Gales, onde vive a maior parte do tempo e o restante é passado em Espanha.

O livro já foi publicado em 12 países e tem recebido críticas muito positivas. A sueca não poderia pedir melhor estreia para agradar aos amantes de romance psicológico.

.

Liliana Lopes

Os Três Reinos (A Saga das Pedras Mágicas)

Já tinha saudades de reencontrar as personagens que preenchem o imaginário desta talentosa autora portuguesa, quando finalmente tive a oportunidade de ler este quinto volume da Saga das Pedras Mágicas. Não demorou muito, contudo, a regressar por inteiro à magia que percorre todo este universo.

Neste livro, encontramo-nos com um cenário que pressagia acontecimentos tenebrosos. As personagens que nos conquistaram o imaginário e o coração vêem-se perante situações que ameaçam as suas vidas e tudo aquilo que mais amam no seu mundo. E, à medida que a história avança, voltamos a encontrar, em cada palavra e em cada acontecimento, algo capaz de nos fazer sonhar e sentir com as personagens que seguimos.

Num enredo cativante, onde a escrita nos prende como uma imagem que, vívida, se desenrolasse diante dos nossos olhos, "Os Três Reinos" recorda-nos o porquê de seguir esta saga. Através de grandes personagens, momentos envolventes e surpresas inesperadas, este livro consegue arrastar o leitor para a sua história desde a primeira linha, deixando, ao virar da última página, uma imensa vontade de saber mais e de ler o que virá seguir.

Fico, pois, à espera do próximo volume.

Carla Ribeiro

Ficha Técnica :

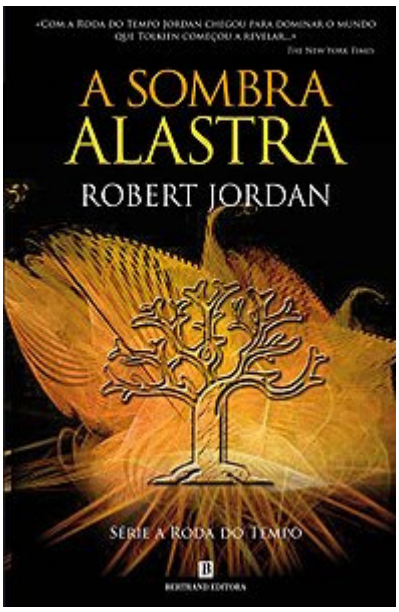
Título : Os Três Reinos

Autor : Sandra Carvalho

Editora : Presença

Preço: 17,50€

A Sombra Alastra



Trata-se de uma leitura de peso, quer pelo nome e prestígio do autor desta fantástica saga, quer pelo volume do livro, mas não há dúvidas que este "A Sombra Alastra", bem como todos os anteriores livros da série Roda do Tempo, estão entre o que de melhor se fez na área do fantástico.

Neste quarto volume, adensam-se as tramas em volta do Dragão Renascido. Rand al'Thor, bem como os seus conterrâneos Matrim Cauthon e Perrin Aybara vivem novas aventuras, lutando contra as forças do Tenebroso, enquanto se descobrem perante desafios cada vez mais complexos.

Confesso que é um livro que assusta, ao primeiro contacto com as suas cerca de 1100 páginas, mas que, a partir do momento em que se dá início à leitura, é impossível de largar. A profundidade e diversidade das personagens, juntamente com os variados desenvolvimentos na teia da história, tornam o leitor parte do caminho dos protagonistas, de uma forma cativante, e, ao alcançar o final do livro, parece que, afinal, as longas páginas passaram depressa e ficamos com vontade para ler mais.

Aes Sedai, Ogier, Trollocs e outras criaturas imaginárias fazem parte da magia que adensa toda a complexidade desta longa narrativa, uma viagem que nos guia através de uma multiplicidade de paisagens: desertos, montanhas, cidades e aldeias.

E são todos estes aspectos que cativam a memória e a imaginação do leitor, e que, por isso, tornam A Roda do Tempo numa série imperdível e inesquecível.

Carla Ribeiro

Ficha Técnica:

Título: A Sombra Alastra

Autor: Robert Jordan

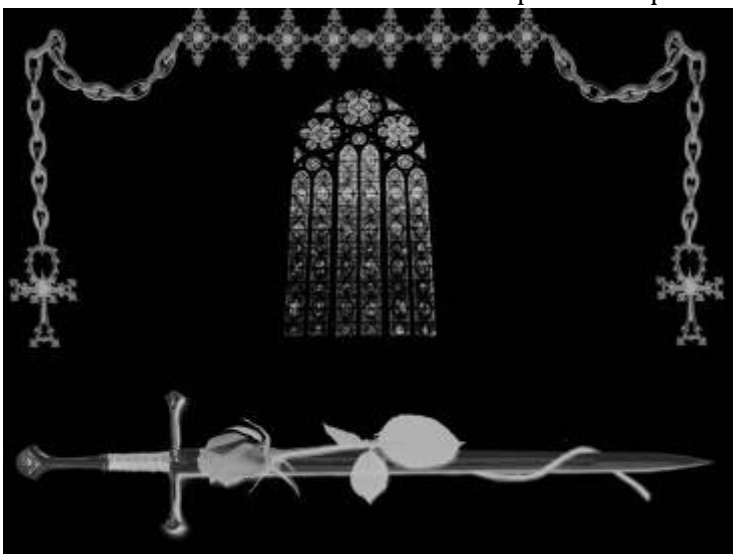
Editora: Bertrand

P.V.P: 26,95€

A Clepsidra de Cristal – Parte III

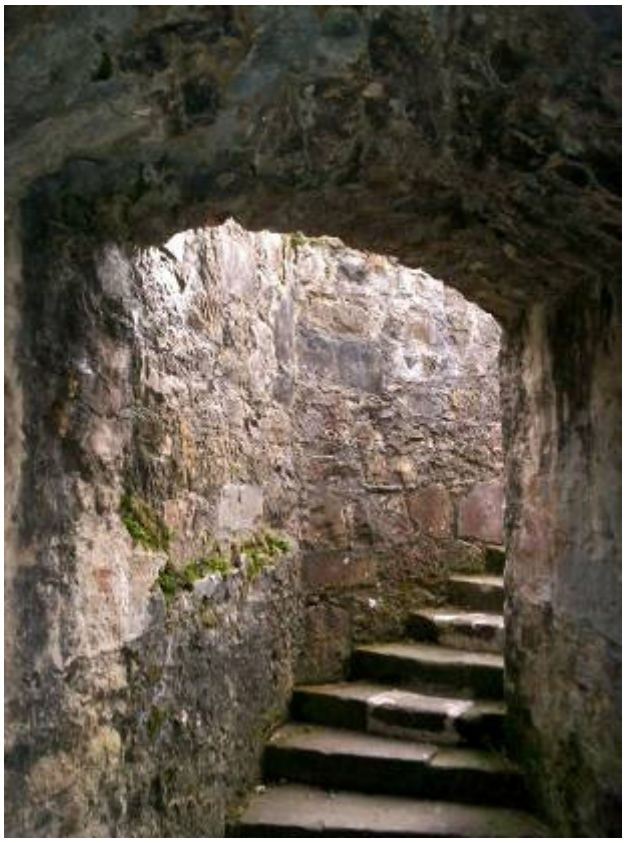
por ***Carla Ribeiro***

Quando partiram para a guerra, os homens de Vladistorm levavam nos corações uma fé inabalável. Confiavam na força e na nobreza do seu líder e a fidelidade demonstrada pelo senhor do feudo conquistava-lhe uma genuína admiração da parte dos seus soldados.
Durante longos dias marcharam em direcção ao local onde o imperador decretara a união do seu exército, a fronteira de Morienna, território de Hirsan Marbath, e, ao longo de todo esse percurso, nem por um momento vacilara o orgulho daqueles homens, a lealdade que os enviava para a guerra enquanto as suas famílias ficavam para trás, na protecção da fortaleza que viam como o lugar mais seguro para as suas frágeis existências.
No momento em que atingiram o acampamento do imperador, contudo, as suas convicções tremularam como a chama de uma vela ao vento. Como era possível que o exército que iam integrar fosse tão pequeno? E onde estavam os estandartes dos restantes feudos?
- Cavaleiros. – declarou Dorian, detectando nos seus homens a mesma apreensão que ele próprio sentia, mas que se forçava a ocultar – Senhores. Eis-nos chegados ao nosso destino. Juntai-vos às fileiras do exército imperial e erguei ao alto o estandarte de Petraven. Já que as nossas forças pertencem ao imperador, pois eu mesmo as colocarei à sua disposição, que todos os olhos vejam que nós não somos traidores.



Enquanto, em resposta a sua ordem, os homens dispersavam, Dorian desmontou do cavalo, enquanto, com um olhar apreensivo, procurava a localização da tenda do imperador. Depois, ao reconhecer no centro do espaço os reflexos da púrpura imperial, dirigiu-se até ao local, fazendo-se em seguida anunciar ao seu senhor.
- Dorian Vladistorm! – exclamou este, alegremente, ao encontrar o seu rosto, depois de, ele próprio, ter deixado o abrigo da tenda para o receber – Entrai! É uma alegria rever-vos!
Com um sorriso breve, Dorian obedeceu. Ainda que o tentasse ocultar, sentia que a inesperada cordialidade de Amir não passava de uma máscara de cera, cuidadosamente elaborada para ocultar as suas preocupações, mas que acabaria por tombar quando as chamas chegassem.
Na verdade, assim que se encontraram a sós no interior da tenda, a expressão do imperador transformou-se num súbito ricto de perturbação.
- Majestade… - começou Dorian, tentando ignorar o que via claramente – Vim em resposta à vossa convocatória.
Amir assentiu.

- Nunca duvidei da vossa fidelidade, Vladistorm. – declarou – Satisfaz-me ver que, pelo menos a vosso respeito, não estava errado.
Dorian não respondeu. Começava a compreender que razões levavam a que as forças imperiais fossem tão escassas, e, por mais que se recusasse a admitir tal sentimento, esse facto perturbava-o. Não vira no exterior os estandartes de Calliene ou de Valtar, os territórios a sul do seu, e começava a temer ter deixado Petraven entregue às mãos dos inimigos. Se, ao menos, Lucas tivesse a força necessária para defender o seu povo…



- Viste como somos poucos? – perguntou o imperador, respondendo ao sombrio humor do lorde.
Dorian assentiu.
- Mas certamente haverá outros a caminho… - tentou argumentar, contudo, foi rapidamente interrompido pelo imperador que, com um gesto leve, mas explícito, lhe ordenava silêncio.
- Não. – esclareceu Amir – Não espero mais ninguém. Sei que os restantes se aliaram ao usurpador, em troca de honras ou de novos territórios. Marbath conta com um exército de tal forma imenso que dispensou alguns dos seus homens. Não se sabe ao certo porquê, mas a verdade é que, se contemplardes o acampamento do inimigo, reconhecereis todos os estandartes em falta… mas nem todos os seus senhores.
- Compreendo. – declarou Dorian, com um aceno fúnebre.
- E agora - perguntou Amir – que sabeis toda a verdade, desejaríeis ter tomado outra decisão?
- Sois vós o meu imperador – replicou Dorian – É a voz que pertence a minha fidelidade e será por vós que lutarei.
Amir sorriu.
- Alegrais o meu coração com as vossas palavras. – disse – Mas sabeis que será a morte o inevitável resultado desta batalha?
- Nesse caso, morramos. – declarou Dorian – Morramos até ao último homem, para que os traidores possam ver que permanecemos fiéis.

...continua...

Micro-Narrativas

Tempo. Nos dias que correm tempo é apenas uma palavra. É como uma civilização perdida ou um fóssil, pelo simples facto de já não existir. O tempo não existe porque quando olhamos para ele, já passou. E o tempo passa mas nunca fazemos as coisas que queremos por falta de tempo. E ele não pára. E depois acontece que o nosso tempo também passa. E o dos outros não porque somos nós que deixamos coisas por fazer, por não haver tempo. E agora que vamos apodrecendo com o tempo, se bem que, bem acamados continuamos sem fazer o que deixamos por fazer. Apenas podemos ver o tempo a passar. Sim, porque só depois do nosso tempo é que ganhamos traquejo de o conseguir ver, sempre de mala feita. O truque é morrer ou pelo menos andar lá perto, porque ai o tempo passa devagar para nós e para os outros que têm reunião importante no escritório e estão à espera que nos acabemos. Mas ai, somos lentos fazendo birra. Mas o tempo, que também ou não tem mais tempo para nós ou tem horário a cumprir, deixa-nos para o coveiro.

Tiago Faria

O Conto da Rosa dos Ventos

- Mãe, o que é uma rosa dos ventos? – perguntou a Ana.
- A rosa dos ventos tem 4 pontos cardeais… - começou a mãe, porém foi interrompida pela campainha – Tenho de ir atender, depois continuamos a falar.

Ana sentou-se no chão a desenhar uma rosa dos ventos, em um dos pontos cardeais escreveu Sorriso, em outro ponto escreveu Tristeza, completando os outros dois com Lágrima e Abraço.

A mãe regressou para junto da filha.

- Então filha…
- Já sei o que é a rosa dos ventos, mãe. No ponto mais alto está o sorriso, que nos preenche os melhores momentos da vida, nos pontos do meio estão o abraço que nos reconforta quando estamos tristes e a lágrima, porque afinal há lágrimas tristes e contentes….no ponto mais baixo está a tristeza….como aquela que senti quando o meu pai morreu…

A mãe sorriu para a filha com os seus olhos a forçarem para não soltarem lágrimas, disse “muito bem” ao ouvido de Ana e abraçou-a como se aquele momento não tivesse fim.

Bruno Pereira

Delicadas Mãos Brancas

A melodia ressoava por entre as suas lembranças. Tudo estava levemente mais brilhante do que se conseguia lembrar. Não havia sombras apenas luz brilhante, e a melodia da caixa de música. Era de todo o quarto o objecto preferido da rapariga. Conhecia a melodia que ela encerrava e era capaz de passar horas a ouvi-la. A caixa era feita de madeira branca e continha uma bailarina, vestida de branco, no seu interior, que girava quando a melodia ressoava.

A rapariga costumava passar as suas delicadas mãos pela bailarina enquanto esta dançava desejando um dia ser como ela, uma bailarina. Ser uma bailarina e poder dançar em grandes palcos ao som de belas melodias e ser amada por todos. Sim, era esse o sonho da delicada rapariga, com as suas delicadas mãos que se faziam passear pela delicada caixa de música. Até ao dia em que passou a ter delicadas mãos brancas.

As mãos brancas surgiram num belo dia de primavera. O sol banhava a cama da rapariga, que em cima dela, lia um livro enquanto a bailarina dançava. A rapariga inspirou fundo e fechou delicadamente o seu livro. Erguendo então a cabeça para sentir o sol a bater melhor na sua cara. E fechando os olhos deixou-se ficar, recostada na cama a sentir o sol a abraçar a sua pele e a melodia os seus ouvidos. Como era tudo belo naquele delicado momento, naquele delicado momento…

A rapariga das mãos delicadas vivia numa grandiosa casa branca situada no cimo de uma colina no final dos limites da aldeia. Toda a gente conhecia a rapariga das mãos delicadas, todos gostavam dela pela sua maneira de ser delicada e atenciosa com que tratava todos. Ela não teria mais do que dezasseis anos quando ganhou as suas mãos brancas e delicadas. Isso aconteceu naquele dia, em que ela estava recostada na sua cama banhada de sol e música. Do seu quarto que ficava junto ás escadas conseguia ouvir passos. A sua porta abriu-se então de rompante, entrando por ela o seu pai, trajando a sua camisa branca ensopada em vermelho. A rapariga olhou-o com tristeza. Ele olhou-a com raiva nos olhos e então fez descer violentamente a faca que segurava numa das mãos. E foi então, que a rapariga das mãos delicadas e que queria ser bailarina, passou a ser a rapariga das mãos delicadas e brancas que queria ser bailarina. E então o quarto ficou mais brilhante nessa altura e a música o único som audível.

Tiago Faria

Esfera

Não sei se sou sonho ou se tempo, quimera de anjos destroçados ou resignação ao espelho dos demónios interiores. No tempo, estendo as mãos ao absoluto, invocando a misericórdia das esferas superiores, mas só o silêncio responde ao grito que me foge dos sentidos.

Lá fora o tempo transborda de lamentos indecisos e a chuva ecoa no templo das horas que divagam por dentro de mim. E a canção dos lábios cerrados é também o véu do túmulo que dorme no meu corpo. Uma sombra que divaga por entre vasos arrancados à carne do absurdo e reunidos no deserto do vácuo azul.

Carla Ribeiro

Contos

A rainha das aparências

Há muito, muito tempo, num reino distante, vivia uma poderosa rainha, que era cruel e vaidosa. Os únicos que tratava bem eram aqueles que se lhe apresentavam vestidos com belas roupas e enfeitados com as jóias mais brilhantes. Desprezava todos os que se vestiam de uma forma simples, mesmo que fossem bondosos, honrados ou honestos. Era-lhe indiferente, portanto, se os seus súbditos tinham ou não bom coração. Tudo o que lhe interessava era a aparência destes. Para além disto, fazia com que os pobres habitantes do seu reino trabalhassem de manhã à noite, usando todo o dinheiro que ganhavam para comprar vestidos, jóias e todo o género de enfeites para si. Passava dias inteiros fechada num enorme salão do seu palácio, vestindo as suas roupas, pondo as suas jóias e admirando o seu reflexo no espelho.

Os pobres habitantes daquele reino viviam muito mal com esta forma de governar. Moravam em miseráveis casas, onde o frio entrava, e passavam fome. Tudo porque o dinheiro que ganhavam, ao venderem o que produziam a reinos vizinhos, ia irremediavelmente parar às mãos da malvada e vaidosa rainha. Quando pediam à soberana que mudasse a situação, esta ria maldosamente e mandava-os trabalhar ainda mais.

Uma noite, quando já todos se tinham recolhido nas suas casas, um rapaz saiu de uma pequena cabana e foi passear pelos campos. As estrelas brilhavam no céu e o silêncio reinava. Não havia ninguém por perto. O rapaz andou durante muito tempo sozinho, pensando. O seu estômago estava vazio. Nesse dia, como em tantos outros, não tivera nada para comer ao jantar. Revoltava-o pensar que todos os habitantes daquele reino passavam fome, devido à maldade da rainha. Como ele queria poder fazer alguma coisa para livrar o povo da malvada! Será que nunca conseguiriam ter uma vida melhor? Não haveria nada que pudessem fazer? No interior de si próprio, não havia respostas para as suas perguntas.

O vento soprou então de uma forma misteriosa. O rapaz olhou em volta, um pouco intrigado. Junto de uma árvore, observando-o, encontrava-se uma velhinha.

- Vem cá, meu rapaz! – chamou ela. – Não tenhas medo! Estou aqui para te ajudar.

O rapaz aproximou-se. Quando chegou junto da velhinha, não conseguiu deixar de soltar uma exclamação. Ela era uma fada! Tinha asas finas e transparentes, que permitiam que os seus pés não tocassem no chão. A túnica que trazia vestida estava toda enfeitada com flores coloridas.

- Algo te preocupa, não é verdade? – começou a fada. – Há algo de errado neste lugar, eu sinto-o. Conta-me o que se passa.

Ainda um pouco admirado, o rapaz explicou à fada o que ali se passava. Esta ouviu-o atentamente e, no fim, respondeu:

- Eu sei de alguém que te pode ajudar. Escuta-me com atenção! A feiticeira das fadas tem poder para resolver tudo isso. Se queres livrar o teu povo dessa malvada rainha, tens de ir ter com ela. A nossa feiticeira vive no reino das fadas. É longe daqui e a viagem não será fácil, mas podes ter a certeza de que ela te ajudará.

- Não me pode levar até lá? É uma fada!

- Não, não posso. Tens de ser tu a fazer esta viagem sozinho.

O rapaz baixou a cabeça. Tinha medo. No entanto, pensou no sofrimento do seu povo e rapidamente decidiu que tinha de fazer alguma coisa, custasse o que custasse. Pediu

então à fada que lhe indicasse o caminho para o reino. Esta sorriu e explicou-lhe tudo, pacientemente.
- Tenho ainda três coisas para te dar. Embora agora não percebas como, elas vão ajudar--te durante o caminho – disse ela, dando-lhe um par de sapatos brancos, uma pequeníssima borboleta dentro de uma caixinha de vidro e uma garrafinha com um estranho líquido de várias cores.
Dito isto, desapareceu, deixando no ar um rasto de pó cintilante.
O rapaz decidiu pôr-se imediatamente a caminho. Depois de tantos anos de sofrimento naquele reino, não havia tempo a perder.
Andou toda a noite, parando só para beber água nas fontes que encontrava e comer alguns frutos que ia descobrindo nas árvores. Quando o sol nasceu, tinha chegado ao vale de que a fada lhe falara. No entanto, para sua surpresa e susto, ocupando todo o vale estava um gigante deitado, a dormir profundamente. O seu ressonar ouvia-se por todo o vale, como se de uma tempestade se tratasse. O rapaz sentiu-se desanimado. O que faria agora? Por onde passaria? Não podia ir pelas montanhas, pois a fada explicara-lhe que a terra dessas montanhas era venenosa e quem por ela passasse não sairia de lá vivo. Sendo assim, só lhe restava atravessar o vale… Mas lá estava o gigante… Para atravessar, teria de passar por cima dele, isso acordá-lo-ia de certeza e, uma vez acordado, o gigante decerto o engoliria vivo… Tremeu ao pensar nisso e pensou que a sua viagem ficaria por ali. No entanto, de repente, ouviu dentro da sua cabeça uma voz baixinha que lhe dizia:
- Os sapatos! Calça-os! São mágicos! Com eles calçados, o gigante não te sentirá a passares por cima dele!
Embora não conseguisse perceber de onde vinha aquela voz e nunca tivesse ouvido falar em sapatos mágicos, o rapaz pensou que valia a pena arriscar. Calçou, por isso, os sapatos brancos e começou, suavemente, a subir por uma das mãos do gigante, que estava pousada no chão. Seguiu pelo braço, sempre temendo que a monstruosa criatura se mexesse e o fizesse cair ou, pior ainda, que acordasse e o devorasse. Ao chegar ao peito do gigante, olhou para a cabeça do mesmo, sem ousar sequer respirar. A sua grande boca abria e fechava, ao ressonar, e dentro dela brilhavam uns dentes enormes e afiados. Sem querer olhar mais, o rapaz apressou-se a descer pelo outro braço e pela outra mão. Não descansou enquanto não sentiu o chão debaixo dos seus pés. Para seu grande espanto e alívio, os sapatos eram mesmo mágicos e tinham conseguido fazê-lo escapar.
O resto desse dia foi passado a caminhar, seguindo sempre o rumo que a fada lhe indicara. Ao pôr-do-sol, achou-se perante um largo rio, de águas escuras e misteriosas. Não havia por perto qualquer ponte e, por isso, o rapaz sentou-se na margem, tentando perceber se seria seguro atravessar o rio a nado. Foi então que ouviu uma voz sinistra, vinda do fundo do rio:
- Eu sou o demónio do rio
E nele ninguém nadará!
Quem tentar atravessá-lo,
Nas minhas garras cairá!
Homens ou animais,
para o fundo arrastarei,
o meu poder é total,
Eu aqui sou rei!

O rapaz afastou-se, de um pulo, da margem do rio. Já não havia dúvidas: não podia atravessá-lo a nado. O que faria agora? Nesse momento, a borboleta começou a voar sem parar dentro da caixinha de vidro e a bater contra as suas finas paredes. O rapaz, ao ver aquilo e apesar da recomendação da fada para manter a borboleta sempre consigo, decidiu abrir a porta da caixinha, com pena do pequeno animal. Mal a borboleta saiu, começou a crescer, a crescer, até que ficou gigante. Nessa altura, disse, com uma voz suave:

- Sobe para cima de mim! Eu levo-te para o outro lado do rio!

Espantado e maravilhado, o rapaz fez o que a borboleta lhe disse e voaram até à outra margem.

Aí, a borboleta voltou ao seu tamanho normal e voou para o primeiro prado de flores que encontrou. O rapaz, ainda admirado com aquilo, continuou a sua viagem.

Na manhã seguinte, chegou à grande árvore dourada que marcava a entrada para o reino das fadas. A fada dissera-lhe que era nessa árvore que estava a entrada, mas não lhe dissera onde nem como. Ao examinar a árvore, descobriu, numa das suas grossas raízes, uma pequena porta com o desenho de uma fada na sua superfície. Era por ali! Mas como podia ele passar por uma porta tão pequena? De repente, a garrafinha que tinha no bolso começou a tremer. Ele tirou-a do bolso e olhou-a com atenção. E se experimentasse beber o seu conteúdo? Decidiu fazê-lo. Tinha um sabor estranho, doce e salgado ao mesmo tempo… Por uns minutos, nada aconteceu, mas, após esse tempo, começou a encolher, a encolher, até ser suficientemente pequeno para passar pela porta na raiz da árvore.

Do outro lado, foi recebido por um grupo de fadas, que, com vestidos feitos de pétalas de flores, pareciam parte do campo florido onde estavam, o qual se estendia até a um castelo cintilante. As fadas levaram-no até a esse castelo e, lá dentro, serviram-lhe uma bebida refrescante feita do néctar das flores e apresentaram-lhe alguns pratos brilhantes, cheios de alimentos estranhos, mas muito saborosos. O rapaz comeu, bebeu e descansou. Enquanto isso, as fadas foram chamar a sua feiticeira, que não tardou a aparecer.

- Já sei que fizeste uma longa e difícil viagem até cá. Para teres enfrentado tudo isso, a razão pela qual estás aqui deve ser importante. Conta-me do que se trata!

O rapaz contou tudo sobre a rainha e a feiticeira ouviu-o atentamente. No final, ela disse:

- Vamos fazer com que essa rainha aprenda de vez que o que realmente interessa é o interior das pessoas e não a sua aparência! Vamos também ensiná-la a não ser tão vaidosa e a parar de usar todo o dinheiro que o seu povo ganha para comprar enfeites, em vez de utilizar esse dinheiro para dar a todos uma vida melhor. E se, com o que vamos fazer, ela não se modificar, então é porque não tem mesmo salvação e nessa altura receberá um enorme castigo.

- E como vamos fazer isso? Vai ajudar-me? – perguntou o rapaz.

- É claro! Ora escuta! Vou dar-te uma jóia mágica, extremamente brilhante. De certeza que a rainha a aceitará de imediato. Ela nunca viu uma jóia como esta e vai querê-la logo para si. Se a rainha tiver salvação, se for capaz de mudar, esta jóia, que, como te disse, é mágica, vai fazê-la cair em si e lamentar cada minuto em que tenha sido cruel, vaidosa e não tenha sabido ver aquilo que é realmente importante nas pessoas. Se a rainha não tiver salvação, ao fim de uma semana a jóia mágica enviar-me-á um sinal, eu irei até a esse reino e darei à rainha o castigo merecido.

Ao dizer isto, a feiticeira saiu por momentos da sala, voltando em seguida com uma enorme jóia de todas as cores e com um brilho estonteante.

- Aqui a tens! Leva-a quanto antes!
- Sim! Muito obrigado!
- Ah, mais uma coisa! – disse a feiticeira, pronunciando umas palavras mágicas e tocando com a sua mão branca nas costas do rapaz, onde logo surgiram duas asas de fada azuis. - Criei estas asas de fada para que voes até ao teu reino num instante. Poderás usá-las durante a viagem e, quando lá chegares, elas desaparecerão.
Depois de se despedir da fada e de lhe agradecer muito, o rapaz partiu apressadamente. Não havia um momento a perder.
As asas de fada permitiram-lhe fazer a viagem sem dificuldades e muito mais depressa do que alguma vez tinha imaginado. Quanto deu por si, já estava na sua terra. Logo que passou os portões do reino, as asas desfizeram-se em pó, tal como a feiticeira havia dito. Estava na hora de dar a jóia à rainha e ele mal podia esperar por esse momento.
Dirigiu-se ao palácio e disse aos guardas que tinha uma jóia maravilhosa para oferecer à rainha. Logo que a última foi informada disto, mandou entrar o rapaz.
- Majestade, tenho uma oferta para si – disse ele, estendendo a jóia à rainha.
Os olhos desta faiscaram e arrancou a jóia das mãos do rapaz, como uma louca. Prendeu-a imediatamente no seu vestido e dirigiu-se para o espelho mais próximo, dizendo ao rapaz:
- Sai daqui imediatamente! Desaparece! Depois de me dares uma jóia como esta, já nem sequer consigo olhar para ti, vestido com esses farrapos!
O rapaz não estranhou tais palavras, já estava habituado. Sem dizer mais nada, saiu do palácio, pensando que, a partir daí, só lhe restava esperar.
A semana passou sem que o rapaz ou qualquer outro habitante visse sinais de mudança na rainha. Ao pôr-do-sol do sétimo dia, quando todos regressavam a casa dos seus trabalhos, uma enorme nuvem brilhante cobriu o céu do reino. Dessa nuvem, surgiu a fada feiticeira com que o rapaz tinha falado. Ela dirigiu-se para o palácio num voo gracioso e, adormecendo os guardas com a sua magia, subiu até à torre onde se encontrava a rainha. Esta estava, como sempre, à frente do espelho, gritando às criadas:
- Saiam daqui, miseráveis! Que direito têm vocês de se pôr ao meu lado, se estão tão mal vestidas?!
A fada entrou nesse momento. A rainha não se modificara, nem com a magia da jóia. Não tinha, por isso, salvação e ela estava ali para a castigar.
- Rainha, vejo que não há nada que te faça mudar, já que nem a minha jóia mágica, com poderes para modificar quem tiver salvação, o conseguiu fazer. Por isso, estou aqui para te dar o castigo que mereces!
A malvada mal teve tempo de abrir a boca. Assim que acabou de falar, a feiticeira disse umas palavras mágicas e fez surgir à volta da rainha uma cortina de jóias mágicas, de um brilho tão forte que logo a cegou.
Os gritos de raiva da rainha ouviram-se por todo o palácio e até fora dele. A feiticeira tinha-lhe tirado o mais importante para ela: a visão, que lhe permitia ver as aparências, a única coisa que lhe interessava. Ela não era capaz de ver com os olhos da alma. Por isso, aquele era o supremo e justo castigo para ela.
A feiticeira nomeou então o rapaz o novo rei daquela terra. Todos os habitantes, agradecidos por este os ter libertado da rainha, concordaram imediatamente com a decisão da feiticeira. E não se arrependeram, pois o rapaz governou com justiça e bondade. A partir daí, aquele reino passou a ser conhecido em todo o mundo. Chamavam-lhe "Reino Feliz".

Catarina Coelho

Naquela Noite…

Naquela noite, as gotas de água derramadas pela tempestade confundiam-se com as lágrimas que me tombavam do rosto vencido, como murmúrios de orvalho perdidos no vento que ecoava lá ao fundo. Perante as trevas do espaço em redor, não via ninguém dentro de mim, apenas a imensidade do nada em que me tornara, o meu silêncio abissal.

Era ilimitado o deserto que me rodeava, a calma que me estrangulava a alma e amordaçava o grito que ameaçava crescer dentro de mim. E o abismo gritava o meu nome por dentro das minhas veias, como uma promessa de paz dentro do campo das minhas batalhas pessoais, um definitivo refúgio para lá da minha espada erguida contra o mundo.

Naquela noite, não havia já ninguém por quem lutar, apenas eu e a minha mediocridade, este destroço de coração incendiado e reduzido a cinzas dentro de mim. E, quando um efémero raio de luar se espelhou sobre o meu rosto desvanecido, apagado no nada da força que se esvaíra de mim, os meus olhos encontraram, escondido entre a sombra e a luz, o estranho reflexo dos olhos dele, olhos de mártir, de noite… do anjo que me tornou mais eu.

Tinha na face a palidez de quem se move por sombras nocturnas e no olhar a tempestade da mesma mágoa que me derrubara. Havia, contudo, nos seus lábios o sorriso resignado de quem lutara contra o mundo, para, derrotado nos seus objectivos, aprender a viver mesmo no chão.

Por momentos, perguntei-me se o conhecia, se não teria já visto aquele rosto em algum lugar. Havia naqueles traços uma estranha familiaridade, como sempre tivesse estado do meu lado, mas, naquele momento, era demasiado apertada a teia de silêncio que formava a minha prisão para permitir que eu recordasse do passado mais que os sucessivos tormentos que as mãos da vida haviam traçado no meu corpo.

E então ele estendeu-me a mão, num gesto confiante, como se soubesse que, apesar de todo o medo e de todo o ódio que me invadira o coração, ainda havia dentro de mim algo que merecesse a salvação. E, sem saber ao certo porquê, eu respondi ao seu apelo e estendi-lhe também a minha mão.

Quando a minha pele tocou a sua, o feitiço que me envolvera quebrou e compreendi até quão perto do abismo o meu desespero me arrastara. Então, as lágrimas que, até ao momento, haviam sido de dor, brotaram, serenas, como uma fonte de alívio, e o meu corpo encontrou o dele num abraço tão forte que parecia conter em si toda a eternidade.

E então compreendi a estranha familiaridade que sentira. Era, na verdade, o rosto de um estranho aquele que me fitara, mas a melancolia que se espelhava em cada gesto e cada traço unia-nos num mesmo laço universal. Superado o abismo, ele aprendera a olhar aquele lugar como um santuário, um altar em memória da sua coragem e da vitória que conquistara sobre si próprio. E, naquela noite, eu interrompera a tranquilidade da sua visita com a sua presença ali.

Claro que, naquele momento, eu não o sabia, mas, depois daquela noite, a corrente que nos prendia um ao outro tornou-se mais forte e, unidos por uma história em tudo semelhante, acabámos por aprender a ver a beleza que se escondia no silêncio dos nossos demónios interiores.

Naquela noite, eu não era ninguém. Hoje, graças àquela mão amiga, estendida para me suportar no limite dos abismos, tenho ainda uma vida a defender. E se, em tempos, o ódio usurpou o lugar que os bons sentimentos ocupavam no meu coração, hoje eu sei que a força da amizade voltou e que, mesmo quando o mundo nos decreta a miséria como futuro, continua a ser possível sobreviver.

Carla Ribeiro

A Borboleta

A borboleta abriu as asas.
Pétalas amachucadas, de quem acaba de nascer.
Efémera flor de verão.
Absorveu os campos de malmequeres, e acordou.
As nuvens escureceram, e um vento estranho varreu a terra.
Os ramos das árvores estalavam, mortalmente, em sangue e seiva.
Havia flores vivas, sufocadas, em remoinho.
A borboleta recém-nascida pensou "Que estranho é o mundo…!"
Antes de chegar o tornado, já tinha morrido despedaçada.
Asas desfeitas. Lagarta perdida.

Quantos abismos guardam os olhos de um ser errante?
Quantas velas ao vento, rasgadas. Incontáveis naufrágios.
O esquecimento, é um mal necessário para poder sobreviver.
São histórias de vagas gigantes, monstros marinhos e sonhos decepados.
Esqueletos de borboleta fossilizados.
Rocha incrustada numa montanha pedregosa, onde outrora se estendia um prado verde.

Tantas vidas depois, a mesma solidão. A mesma surpresa disfarçada.
"Que estranho é o mundo…!"

O mundo das ideias, é mais uma estrela apagada na ilusão de alguém que um dia sonhou sair da caverna, sem ficar cego pela luz.
Num mundo de borboletas, somos a história contada pelos fósseis.
Areia cristalizada num deserto onde o calor acende miragens e atordoa o pensamento.
Passos e mais passos. Pegadas em circulo.

Caiu desamparada sobre si própria.
Sem motivo aparente, escorregou nas circunstâncias.
(Ou foi o destino que a empurrou…?)
Pucha o cordel. Aperta o botão. Boneca articulada.
Se lhe rasgassem a barriga, ficaria admirada com tanta areia e serradura!
Comprimiu o crânio com garras de ave de rapina.
Cansada de existir.
Porque é que ninguém via, que ela era uma borboleta?
Dos seus ombros elevavam-se delicadas asas brilhantes. Transparentes.
Asas mágicas, invisíveis.
Como poderia viver no chão?
Como deixaria de procurar o campo de malmequeres, a sua casa?
Desistiu de tentar explicar e resignou-se a fazer de conta que-não-era-quem-dizia-ser.
Confinou a existência ás quatro paredes da normalidade, profundamente infeliz.
Até que um dia se esqueceu.

Esperava sempre à mesma hora, em frente à paragem do autocarro.
Todos os dias, o via partir, sem que um só musculo se movesse na sua direcção.
Regressava a casa a chorar.

(Vou? Fico? Não sei. Talvez amanhã. Talvez depois.)
Porque haveria de ser de outra forma?
Porque, precisamente naquela manhã, foi picada por uma abelha providencial, e teve mesmo de correr!
Apanhou o autocarro sem pensar, rumo ao desconhecido.
Cada novo lugar, é uma folha em branco a um sem fim de possibilidades por escrever.
É sempre difícil rasgar os dias que ficam para trás, porque podemos fugir de quase tudo, mas não de nós mesmos.
A mente é pesada e inevitável, como uma carapaça em construção que temos sempre de transportar.
Podemos deixar a noite esvair-se em sangue até à luz se apagar, ou simplesmente aprender a conviver com ela.

Por isso, uns são malmequeres enraizados, e outros, cegas crisálidas, à espera do momento certo para existir.
Borboletas soltas no vento, que o tornado despedaçou.

Inês Soares

Inferno

Acordou subitamente, sobressaltado, como se despertasse de um pesadelo inominável. Tinha o corpo todo tenso e alagado em suor, a garganta seca e áspera e doíam-lhe todos os músculos do corpo como se tivesse acabado de fazer um esforço terrivelmente violento. Levantou-se, ainda a tremer, e sentiu o coração quase a rebentar-lhe no peito. Acendeu a luz e sentou-se na cama, respirando fundo várias vezes, para ver se se acalmava. Tentou controlar as pulsações, impondo conscientemente um ritmo respiratório moderado, enquanto se esforçava por pôr os pensamentos e emoções em ordem. Que diabo teria sonhado para lhe causar aquele efeito?! Caramba, já tinha tido pesadelos, mas nunca nenhum o tinha posto naquele estado! Sentia-se à beira de um ataque de nervos e não sabia porquê. Era como se ainda não tivesse acabado, ou como se o pior ainda estivesse para vir. Estava assustado, aterrorizado, enjoado com o sabor amargo da bílis na boca e um nó no estômago que teimava em não desatar. Sentia uma sensação estranha de angústia e inquietação irracionais, como se tudo tivesse mudado desde a noite anterior enquanto dormia. Tentou lembrar-se do sonho ou pesadelo ou lá o que fosse que lhe tivesse causado aquela reacção. A princípio não conseguiu e um véu negro, quase protector, impedia-lhe o acesso ao horror que tinha vivido. Mas depois, gradualmente, vieram-lhe fragmentos, vestígios de qualquer coisa. Tinha a ver com casas. E pessoas. Viu-se em pânico, a fugir, desesperado, em choque, como um louco, como se tivesse sofrido a maior e mais terrível revelação que uma pessoa pudesse suportar e não tivesse aguentado. Parecia-lhe que tinha a ver com o excesso de qualquer coisa e com a falta de outra fundamental. Só não conseguia lembrar-se de quê. Apercebendo-se que esse exercício de reminiscência não estava a produzir nenhum efeito calmante, bem pelo contrário, obrigou-se a parar, levantou-se e dirigiu-se à casa de banho para lavar a cara com água fria, podia ser que lhe fizesse bem. Lavou-se enquanto se olhava no espelho, verificando que tinha estampada no rosto uma máscara de horror, como um esgar grotesco, e que tinha os olhos vermelhos, injectados de sangue e esbugalhados. Horrorizado com o seu próprio aspecto e percebendo que a água fria não adiantava nada, limpou a cara e saiu da casa de banho, batendo com a porta, completamente descontrolado. Dirigiu-se à janela do seu quarto com vista para o campo, a fim de olhar lá para fora e apanhar ar, podia ser que isso o sossegasse. Abriu-a com violência, ansioso, e foi então que a comoção o apanhou e não pôde evitar um grito de dor que lhe veio do fundo da alma e das entranhas, pois aquilo que viu era a plena consumação de todos os seus pesadelos e terrores, e agora era real, demasiado real, não era um pesadelo, não era um sonho ou um sonho dentro de outro sonho, era verdade, estava ali, estava a ver, sabia que estava acordado, como nunca antes havia estado, a ver tudo aquilo que sempre mais tinha receado, o Horror dos horrores, o Mal radical, o Pesadelo absoluto: "Meu Deus, meu Deus, meu Deus!...", balbuciou repetidamente, quase como um autómato, enquanto a visão avassaladora o dilacerava e consumia! A janela, a sua janela, a janela do seu quarto com vista para o campo, para o verde da erva, para as árvores, as flores, os pássaros, as nuvens e o azul do céu, paisagem que tanto amava, que tanto o repousava e de que tanto precisava, era agora um verdadeiro portal do inferno, onde evoluíam formas e figuras grotescas, com vidas plenas de som e de fúria, com propósitos obscuros e bizarros. Aquilo que era visível era, no fundo, apenas a infinita repetição de um mesmo padrão, com pequenas variações e diferenças de pormenor, quase como dois espelhos semi-regulares, se colocados frente a frente, reflectem ad infinitum a si mesmos e à realidade entreposta de uma forma destorcida. Mas era precisamente isso que era pavoroso, era aí que residia o horror, nessa "coisa" infinita e informe, sempre diferente mas sempre igual, sem fundo e só fundo, sem limites e só limite,

sem princípio nem fim e só princípio e só fim. Como descrevê-lo objectivamente, de uma forma clara e distinta, se a própria mente vacila e cede ao terror subjectivo da experiência da visão? Se o intelecto racional se recusa a entender e se mostra impotente para conceber essa monstruosidade lógica e metafísica, paradoxal e contraditória? Um hipotético observador exterior (não envolvido, logo não-participante) poderia talvez imparcialmente reduzir a "coisa" a isto: a janela do quarto abria-se para, e permitia ver um outro quarto diferente, onde discutia um casal, acompanhado pelo choro estridente de duas crianças pequenas; da janela aberta do quarto do casal vislumbrava-se uma cozinha de uma outra casa, onde uma mulher cozinhava apressadamente; da porta aberta dessa cozinha, avistava-se uma outra casa, onde um jovem casal fazia sexo sofregamente; e assim sucessivamente, até onde a vista alcançasse, sem hipótese de remissão. Incrédulo, apavorado, em pânico, dirigiu-se às outras janelas e à porta de casa, apenas para confirmar a terrível realidade. O que tinha desaparecido era, afinal de contas, o mundo exterior, a Natureza, o espaço natural, não-doméstico, não-urbano. O mundo agora era só urbe, todo cidade, espaço doméstico infinito. O fim de uma casa era o princípio de outra, uma porta dava sempre para outra porta, uma janela para outra janela. Para quê correr pelas escadas abaixo e tentar sair de casa, se não havia saída? Para quê tentar escapar, se não havia escapatória possível? O interior e o exterior tinham-se confundido, sendo o exterior de uma casa, de um quarto ou de um prédio, apenas o interior de outra casa, outro quarto e outro prédio. Já não havia rua, paisagem, céu, estrelas, rio, floresta, mar, deserto; tudo era agora uma única coisa medonha, uma verdadeira aldeia global infinita, uma colmeia gigantesca, que tudo envolvia e que se estendia uniforme e indefinidamente em todas as direcções possíveis. "O horror… O horror…!", balbuciou, imediatamente antes de perder a razão.

João Carlos Silva

Poeta Escravo

Um miar acompanhava dois olhos verdes que procuravam algum mimo e consolo pelo escritório a dentro. Fintou folhas amarrotadas, rascunhadas, riscadas ou pisadas que germinavam aquele chão. Um ruído de caneta a pintar papel mantinha a banda sonora naquele espaço de inspiração, meditação e concentração. Uma nova folha era semeada naquela seara de palavras desaproveitadas enquanto a bola de pelo saltava e aninhava-se num colo, ronronando piedosamente e levando cinco dedos a afagar-lhe a cabeça atrás das orelhas e o queixo. Um sorriso murcho anunciou as palavras que agora ecoavam pelo mar de livros que se congelavam em prateleiras de madeira escura. "Golias… Como invejo a tua vida de gato. Já eu, poeta, escravo da minha arte, procuro a perfeição métrica e rítmica e os esquemas e jogos de versos enquanto falo de amores, dores e amargores, de mulheres e homens, de natureza e tecnologia. Sou escravo da minha arte mas sem ela não existo. Olha à nossa volta, olha para este chão escrito de rascunhos e falhanços, de frustrações e faltas de inspiração. Ai Golias, Golias, quanto mais escrevo mais falho e mais não sei o que hei-de escrever!" Um ronronar leve mostrava indiferença àquelas dores ou quaisquer preocupações que assaltavam aquela mente. Era demasiada preguiça e vontade de saciar a fome de mimo… E o desespero ia suspirando "Há trezentas e setenta e duas folhas e onze canetas que nada me sai bem.

‹‹Oh beleza esverdeada
De teu perfume a liberdade,
Que em tua paz e saciedade
Fazes beber o veado!››

Que bonita que fica tal quadra enrolada a flutuar no aquário! Mas espera porque

‹‹Teus cabelos de campo de trigo negro
Ceifados num fim de Verão
Fazem chorar meus olhos
E no cemitério fica meu coração.››

ficou mesmo bem ao lado do gira-discos, amarrotado!

‹‹Filas de loucos,
Fintando peões soltos,
Procurando ao entrar
Sua sorte encontrar,
Naquela felicidade superficial
De milionário sem moral!››

Que lindo! Que beleza! Que superficialidade! Que rimas baratas! Que coisa vã! Que inutilIDADE! QUE FALTA DE QUALIDADE! QUE ESTUPIDEZ!!!!" Agora o ronronar parava. A voz elevava-se demasiado para um momento de descontracção. Rapidamente o corpo felpudo encontrava-se no chão enquanto dois pés calcavam e chutavam o que aparecia à sua volta, destruindo a plantação de palavras que soltava os seus espíritos pelos gritos dos infames vândalos. A secretária rangeu um movimento brusco, a estante baloiçou e com estrondo a porta se fechou. Um miar confuso saltou para a cadeira ocupada pelo calor calor de um corpo que se fora. Espreguiçou-se e

enrolou-se numa esfera de cinza. A respiração diminuiu, o coração acalmou e o olhar se encerrou.
Umas gotas de chuva lá fora convidaram a lareira do escritório a acender-se. Uma chávena quente fumegava sobre a secretária, a porta estava entre-aberta e uma coberta estava ainda dobrada sobre o sofá. Os restos mortais da sementeira de palavras eram queimadas, uma a ma, nas chamas que aqueciam aquele espaço.

"Chamas libertadoras do meu falhanço
Levai a desinspiração e apatia.
Vou fazer-me novamente escravo
E órgão vital da Poesia."

O corpo felpudo foi elevado e poisado sobre um colo coberto com padrões vermelhos, verdes e amarelos de entrelaçados de lã. Uma mão aqueceu-se na chávena enquanto a outra pegou na caneta e permitiu um novo fôlego àquela que não é a arte do coração ou o bafo da natureza, mas apenas uma escravizadora que sem aquela mão não vive e, por isso, abusa do coração, inspiração e imaginação para ser escrita, desesperando a mão que a deixa respirar.

Miguel Pereira

Entrevista com...

Catarina Coelho, escritora

Jovem talento da literatura nacional, Catarina Coelho lançou recentemente "A Fantástica Aventura dos Anões da Luz – Em Busca de Sulti", sobre o qual podemos saber mais no blog http://afantasticaaventuradosanoesdaluz.blogspot.com . Fomos saber como foi recebida no mundo dos livros esta nova voz da literatura fantástica.

Carla Ribeiro: Lançaste há poucos meses o teu primeiro livro. Fala-nos um pouco da tua experiência no processo de editar um livro.
Catarina Coelho: Editar um livro em Portugal não é fácil. Escrevi este livro que foi agora editado há cerca de cinco anos. Apesar de, graças ao incentivo de pessoas à minha volta, ter começado imediatamente à procura de uma editora, o processo não foi simples, tal como acontece normalmente com os novos autores. Inclusive, durante estes cinco anos, obtive pareceres positivos por parte de editoras (no caso de uma delas, cheguei mesmo a ter o contrato de edição nas mãos e a data de publicação marcada, para além de ter decido vários aspectos da edição com a editora), mas as coisas acabavam sempre por não avançar. Só agora, ao encontrar a Chiado Editora, fui tratada com o respeito que qualquer pessoa que submete um original seu para apreciação deve ser tratada.

C. R.: De que forma tens sido recebida pelos leitores?
C.C.: Tenho sido muito bem recebida pelos leitores, o que obviamente me deixa muito satisfeita, pois creio que todos os que escrevem gostam de perceber que outras pessoas se sentem "em casa" no universo que criam nos seus livros. Têm-me chegado vários comentários muito positivos sobre o livro, sobretudo através do blog do mesmo.

C. R.: Existe uma inevitável tendência para a classificação da literatura dentro de determinados géneros. De que forma te afectou essa classificação?
C.C.: Afectou, no sentido em que, nas livrarias, o meu livro, talvez pelo seu título, é colocado apenas na secção infanto-juvenil (e catalogado como tal), em vez de ser também colocado na secção de Literatura Fantástica. Ora o meu livro não é um livro para crianças. Poucas pessoas com menos de 12 anos conseguirão ler o livro (para além de eu estar a constatar isto com os meus alunos, uma vez que ensino Inglês a crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico e algumas compraram e tentaram ler o livro, esta opinião não é apenas minha: tanto a editora como quem leu o livro diz o mesmo). Apesar do título e do que este sugere à partida, *A fantástica aventura dos Anões da Luz – Em busca de Sulti* é um livro dirigido sobretudo a um público de jovens e jovens adultos (posso dizer, inclusive, que a maior parte dos comentários que recebi até agora foram de leitores com mais de 20 anos).

Como se pode calcular, o facto de o livro ser geralmente catalogado da forma que é afasta pessoas que poderiam gostar de o ler, o que, claro, é negativo.

C. R.: O que sentiste quando viste, pela primeira vez, que o teu sonho se tinha tornado realidade?
C.C.: Senti muitas coisas e algumas são difíceis de descrever! Senti uma enorme felicidade, um sentimento de realização… Mas não só. Desde criança que adoro escrever e, no interior de mim própria, sempre sonhei editar um livro, em partilhar com os outros os universos que crio. Por isso, quando vi que o meu sonho se tinha realizado, senti aquilo que já disse e muito mais que não tenho a certeza de saber pôr em palavras… Esperança, creio, assim como gratidão por algumas pessoas que me incentivaram e deram força… Senti também ansiedade… E uma força renovada para continuar a acreditar naquilo que escrevo.

C. R.: No nosso país, a fantasia é ainda um género marginalizado. O que pensas sobre o assunto?
C.C.: Bem, se é certo que muita gente já lê este género literário, também é verdade que a crítica literária dominante não põe a Fantasia ao mesmo nível dos outros géneros, considerando-a um género menor, o que me parece injusto e errado, pois há bons e maus autores e bons e maus livros em qualquer género literário.

C. R.: Achas que existe qualidade nos autores nacionais do género fantástico?
C.C.: Sim, claro que sim. Já tive alguns exemplos disso. Muitas vezes as pessoas rejeitam à partida os autores portugueses, mas creio que deveriam dar a mesma oportunidade aos autores nacionais que dão aos estrangeiros, pois há qualidade e falta dela tanto no nosso país como nos outros.

C. R.: Quais são os teus próximos projectos?
C.C.: Neste momento, estou a escrever um novo romance, o qual procura combinar o género da Fantasia com o típico romance inglês do séc. XIX. É algo novo para mim, mas está a dar-me muito prazer escrevê-lo, pois há já bastante tempo que me apetecia escrever algo dentro desse género do típico romance inglês do séc. XIX, uma vez que tenho um grande fascínio por essa época e pela literatura da mesma. Aliar a isso a Fantasia, género em que gosto tanto de escrever, está a ser muito interessante.
Quanto a outros projectos, não está excluído um retorno ao mundo dos Anões da Luz, no futuro. Escrevi também alguns contos (esses sim, destinados sobretudo a um público infantil, embora também de Fantasia) e tenho mais ideias para contos desse género.

C. R.: Por último, conta-nos um pouco do que a escrita representa para ti.
C.C.: A escrita é um refúgio, um "lugar" onde posso afastar-me do dia-a-dia e inventar os meus próprios mundos, nos quais posso decidir o rumo dos acontecimentos, algo que nem sempre podemos fazer no mundo real. É uma forma de libertação e um meio de canalizar a imaginação que, se for deixada entregue a si própria, pode tornar-se "selvagem" e destrutiva, enquanto assim fica orientada para um fim criativo. E, devo dizê-lo, a escrita é um prazer viciante, especialmente quando se realiza o que parece ser uma vocação natural e é um sonho de sempre, como é o meu caso.

Canto da Poesia

Inconstância de Purpurinas

Quais alfombras de neve nos caminhos de fogo,
Somos sementes por descerrar
Pecadores sem rogo,
Silentes adoradores sem amar.
Somos pedúnculos de flores purpurinas
arrancados dos sete céus,
Estirpes de mil lunas
Cobertas d'outros véus .
Cilícios meus e teus,
Trocados por heréticas adorações,
Heris, escravo, deus
Todos três carpindo dos corações.

Susana Catalão

Amanhã Chovi

Já reparaste que as estrelas são olhos,
Espiões,
Janelas indiscretas,
Através das quais os deuses do anonimato
Nos admiram e desprezam?

Já alguma vez realizaste um filme,
Mudo e a cores,
Ou sonoro e a p/b,
Em que tiveste a Visão, o Olfacto, o Tacto, a Audição e o Paladar
Por espect-actores?

Já assististe porventura a algum concerto
Dentro da tua cabeça
Cujo maestro
Fosse banda e coro e solista todos ao mesmo tempo
E ainda batesse palmas?

Já te deste conta de que somos humanos?
Só humanos?
Divinamente humanos?
E que nunca fomos feitos de barro mas sim de carne
E de sonhos?

Já algum dia olhaste para o vento e cheiraste a chuva
E sentiste que o vento
E a chuva
São os suspiros e as lágrimas de deuses pagãos
E ancestrais?

Já terás tu notado em alguma manhã de nevoeiro
Que o sol,
Que todos os dias nasce,
Fá-lo por ti, pela tua individualidade que é bela
Como raios de luz?

Terás já tu reparado que nasceste e que vives?
Ou fingirás, como eu,
Nascer e morrer
Todos os dias, trepando por um cordão umbilical
Feito de sensações inventadas?

O meu coração anseia pelo dia em que te possa
Segredar ao ouvido:
Amanhã chovi.

Alexandre Homem Dual

(Des)igualdades informais

Somos iguais nos nossos corpos mas tão diferentes nos nossos gestos...
Tu és a chama que me afoga...
Eu sou a lágrima que te queima...
Apagas-me o sal desta boca..já amanhã?

Daniela Pereira

Escuridão

Nuvem de pó, negra poesia,
Escuro dia, duro fado,
Luz ténue, claridade longínqua,
Estrela morta, lua nova.
Mata-me escuridão,
Renova-me lua cheia!
Abandona-me amargura.
Vai embora encantamento sujo.
Que o vento apague
As labaredas desse fogo maldito,
Que a água me purifique a alma,
Que a terra acolha minhas lágrimas
A paz se espete no coração
E cresça como roseira brava
Frágil e robusta.
Bela no orvalho da manhã.

Ana Santos

Amieiral

Ainda te revejo
esplendorosa
na cândida verdura
sob os amieiros
revelada…
E um impulso adolescente
de meia revoada de desejos
a borbulhar – me no ecrã desta
memória…
Qual história!
esta miragem não passa de alquimia,
duma mágica mistura
de frescura, de verdura
e dos aromas afrodítico-picantes dos
poejos…

José Eduardo Rodrigues

Hábito de Sofrer

O tempo não pára de correr
E com eles as recordações
Que no meu fundo quero esconder
E deixar morrer as sensações.
Já nem sei de que vive a dor
Se é da perda e desesperança
De não ter encontrado o amor
Ou se é o hábito da lembrança.
E o tempo não volta atrás
Nem viver queria na saudade
Na minha vida renasce a Paz
Na minha morte revive a felicidade.

Susana Carvalho Machado

Sem Rosto

Deixa-me rasgar o meu rosto
Para que apodreça
Cercado pelo meu mau gosto
Osso e pele recessa.
Tritura a minha aziaga epiderme
Cospe o meu sangue envenenado
Assume-me como teu verme
De feições imperfeitas e sorriso
ensanguentado.
Liberta-me da hedionda existência
Lágrimas de punhais cravados,
Mata-me na minha essência,
De tantos rostos mal formados.

Bruno Pereira

Vulcão de Gelo

Oh gélido segredo sem confessor,
Procuro por ti em meu durame,
Como se fosse a mais emaranhada flor
Sem ninguém que a clame.
Sou eu pois, a asa que por condição
própria não tem penas,
Coalescência de puzzles diferentes,
Mil e uma fanemas
Cansadas e doentes!
Oh pulmão sôfrego,
Julgador em púlpito
Canção sem fôlego,
Trivial mito.
Se ao menos eu e tu fôssemos um único
Menos um de nós estaria mímico.

Susana Catalão

Obituário

Penso que terá sido de anteontem
A quinze dias
Que acordei às 4 da tarde com a lua
À minha cabeceira
Mascarada de enfermeira
E segurando a página do obituário
De um qualquer jornal diário. Estendeu o
Seu braço de luar e deu-ma
Para que a pudesse ler:
"Poeta desconhecido morre em cirurgia
De rotina. Durante
Uma laparotomia
Uma alcateia de láparos fugiu
De dentro da sua lura no abdómen
De Alexandre Homem
Dual
Levando consigo o coração do escritor
Desconstruído em pequenos pedaços.
No lugar do coração, foi encontrada
Uma lapa funérea com um poema inscrito
Mas ninguém o pôde ler porque o seu autor
Morreu antes sequer de o ter escrito."
Sorri e devolvi o jornal à lua. Ela serviu-me
Uma chávena de café e perguntou-me
O que dizia o poema.
"Amanhã Chovi", respondi-lhe.
Ela sorriu-me de volta imediatamente antes
De regressar ao céu nocturno. Ainda hoje, nos meus poemas,
Lhe trago o sabor da carne – e do café – na ponta dos dedos.

Alexandre Homem Dual

Opium

Com faca fere aquele que não é ferido
Veni, vidi…perdi-te
Ainda que fosse só ilusão
Vero...
De sonhos a preto e branco
Partiste…
Desejo?
Opium
Ser alter.
Volta atrás passado.
Sou…Insano…

Bruno Pereira

Cruzada Final

Erga-se a espada da morte nos dedos entorpecidos
Do flagelo do deserto,
E que os fumos da profecia entrevejam nas entranhas do corvo,
O vulto da cruz do templo ressuscitado.

Nas mãos decepadas da arcada primordial
Trema o coração dos infiéis
Ante o braço acusador do império que se expande
E, em dedos de vaga-lume, tacteia a norte e a sul
Até alcançar o berço da aurora boreal.

Tombe nos braços do abismo a canção dos deserdados
Entoada pelos lábios do cavaleiro moribundo
Para que os punhos cerrados libertem o estilhaço
Da bússola quebrada pelas violências do estertor
Que espalhou pela miragem as cinzas da eternidade.

Carla Ribeiro

Trança

Fiz uma trança bem fina
na seda do teu cabelo,
trepei nela ao cimo, acima,
tive o céu perto de vê-lo
no desfiar do teu desvelo,
num olhar castanho-velho,
nesse sorriso tamanho,
no que sonho do teu sonho,
numa carícia que roubo
no teu pescocinho terno…

José Eduardo Rodrigues

Visões e Opiniões

Em Defesa da Fantasia

Peço desde já desculpa se isto vai soar um pouco extremo, algo exagerado talvez, mas há situações que, num mundo evoluído e que se quer de mentes abertas, já não deviam acontecer.

Quando se escolhe entrar no mundo da literatura, sabemos à partida que não temos um caminho fácil pela frente. As dificuldades, as rejeições, as argumentações que na maioria das vezes nada têm de construtivo… Enfim, é todo um caminho de aspirações e quedas, em direcção a uma realização que se promete difícil de alcançar.

E, como se não bastassem todas essas circunstâncias difíceis, há sempre alguém à espreita, pronto para lançar por terra o pouco que de bem se faz. Escrever no género fantástico é, ao mesmo tempo, uma experiência única, porque, através da nossa criação, somos transportados para um lugar completamente novo, mas também uma escolha que nos pode abrir as portas… da marginalização do nosso trabalho.

Ainda que a literatura fantástica tenha vindo a criar adeptos no nosso país, o facto é que, nos ditos círculos altamente culturais, continua a ser um género marginalizado e até discriminado. Há vozes que se erguem para chamar de lixo algo que nunca leram pelo simples facto de não pertencer ao género que estão habituados a ler. E outros ainda, ainda que apreciadores da fantasia, voltarão costas ao trabalho por ser de um autor nacional, dizendo que se trata de uma obra infantil, imatura, pouco original.

Mas enfim… Não é para esses que eu me dirijo, evidentemente. Tudo isto tem um ponto de objectivo e para aí me dirigirei. Jovens autores do fantástico… Leitores que gostam de se perder num novo mundo, de acreditar, ainda que apenas enquanto divagam pelas páginas de um livro, em magia e em sonho, nunca deixem de ler o que vos canta à imaginação e de deixar que o sonho flua através das palavras que nascem no pensamento!

Corações ao alto… Não serão os círculos marginalizantes a pôr de parte o sonho de cada um, negando o talento sem saber sequer o que vêem. Ousemos sonhar e continuemos a fazer aquilo de que mais gostamos. É a nós que compete a defesa da fantasia.

Carla Ribeiro

Excertos da nossa vida

O Principezinho
Antoine de Saint-Exupéry
Editorial Presença

"E foi então que apareceu a raposa:
- Bom dia, disse a raposa.
- Bom dia, respondeu educadamente o principezinho que se voltou mas não viu nada.
- Eu estou aqui, disse a voz, debaixo da macieira...
- Quem és tu? perguntou o principezinho.
Tu és bem bonita.
- Sou uma raposa, disse a raposa.
- Vem brincar comigo, propôs o princípe, estou tão triste...
- Eu não posso brincar contigo, disse a raposa.
Não me cativaram ainda.
- Ah! Desculpa, disse o principezinho.
Após uma reflexão, acrescentou:
- O que quer dizer cativar ?
- Tu não és daqui, disse a raposa. Que procuras?
- Procuro amigos, disse. Que quer dizer cativar?
- É uma coisa muito esquecida, disse a raposa.
Significa criar laços...
- Criar laços?
- Exactamente, disse a raposa. Tu não és para mim senão um menino inteiramente igual a cem mil outros meninos.
E eu não tenho necessidade de ti.
E tu não tens necessidade de mim.
Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti a única no mundo...
Mas a raposa voltou à sua ideia:
- A minha vida é monótona. E por isso eu aborreço-me um pouco. Mas se tu me cativas, a minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei o barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros fazem-me entrar debaixo da terra. O teu chamar-me-á para fora como música.
E depois, olha! Vês, lá longe, o campo de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! Mas tu tens cabelo cor de ouro. E então serás maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo que é dourado lembrar-me-á de ti. E eu amarei o barulho do vento do trigo...
A raposa então calou-se e considerou muito tempo o príncipe:
- Por favor, cativa-me! disse ela.
- Bem quisera, disse o príncipe, mas eu não tenho tempo. Tenho amigos a descobrir e mundos a conhecer.
- Nós só conhecemos bem as coisas que cativamos, disse a raposa. Os homens não tem tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens já não têm amigos. Se tu queres uma amiga, cativa-me!
Os homens esqueceram a verdade, disse a raposa. Mas tu não a deves esquecer. Tornas-te eternamente responsável por aquilo que cativas"

Espaço Online

Já conhecem o Devaneios? Situado em http://devaneiosazuis.blogspot.com, este blog é um espaço onde a poesia reina, senhora de um mundo imaginário onde todos os sonhos são possíveis e permitidos. Se costumam divagar pelas páginas desta revista, então já conhecem a autora deste blog, a Daniela Pereira, importante membro da nossa equipa de residentes.

E se já leram as palavras desta mulher forte e sonhadora, então sabem que a poesia lhe corre nas veias de uma forma fluida e maravilhosa, cheia de sentidos e de sentimentos, de sonhos e de emoções.

Fica, pois, o convite. Visitem o Devaneios! De certeza que não se vão arrepender.

Carla Ribeiro

Doze Passas para a Meia-Noite

A Ampulheta

Estava um dia gris e chuvoso. A água caía lacrime forme e enlameava o imenso campo em que Anahís passava. Os passos eram curtos e suaves, como se caminhasse sobre algodoeiros ou mesmo nuvens…Tinha olhos de ciano claro, cabelos prolixos e dourados com brilhos tão intensos como se Midas lhos entrançasse com os dedos. A ampulheta esvaziava lentamente…

Gorjeios perdiam-se no ar, o vento sibilava, agitando as folhas outonais.

Sem controlo deixou-se cair de joelhos em uma pequena poça de lama formada pela chuva incómoda que logo naquele dia teimava em não parar. As gotas de chuva misturavam-se com as lágrimas salgadas que não queriam parar por mais que Anahís tentasse o contrário, combatendo-as com tímidos sorrisos que invariavelmente fracassavam frente ao motivo pelo qual Anahís perdera as forças no meio do temporal.

O coração batia apressadamente, quase como um coração de corda que fora dada mil e uma vezes. O lábio fremente e anafado desenhava uma expressão de medo.

- Anahís! – Podia escutar na estremeção da floresta, no crocitar, no ulular, no pranto do vento e da chuva.

Lembrou-se do seu pai, sentiu um calor tão confiável como se estivesse encasulada à espera de ganhar asas. Aquele rosto familiar…os olhos meigos…a mão que não a deixava cair.

Fragmentos…Medo era um caleidoscópio fragmentado…lembrou-se subitamente da mãe…sentiu um frio no estômago, engoliu em seco, o seu corpo tremia não apenas pelo frio que sentia quando inspirava fundo e senti-a os seus pulmões a congelarem mas também por tudo o que a figura da mãe representava para ele, o oposto do pai, os gritos, as injustiças da mãe que a proibiu de tudo, até de conhecer o mundo, o mundo que vinha a descobrir nos últimos meses, e sim, era um mundo cruel mas também possuía cenários de extrema beleza, os quais nunca tinha visto, apenas sonhado com eles…mas nada interessava naquele dia…apenas a sua vida…

Suspirou, fechou os olhos. Quantos mundos quis imiscuir, sons , cores-luz, formas "vou fingir que deixo este casulo, alo-me com mil asas diferentes, vou para lá do infinito, borboleteando pelas variegadas formas do universo."

Chorou, mas a chuva caía e ninguém saberia que estava a chorar. Tentou dizer mil vezes a mesma mentira mas ela nunca ficou exactamente igual ou verdade. Quis desafiar Deus, quis desafiar o mundo num grito de revolta que expulsou a mais tímida toupeira da sua toca. Atormentada mas ao mesmo tempo impulsionada por todo o sofrimento levantou-se da lama onde sabia não pertencer, ela quis conhecer o mundo e agora teria que sofrer as consequências.

Passo a passo caminhou enquanto o vento brincava com as madeixas do seu cabelo e todas as memórias desfilavam na sua cabeça : o cavalinho de pau perdido no sótão, a criança que cresceu deixando na casca a sua puerilidade.

A ampulheta estava quase vazia…

Cada segundo que passava tornava o momento mais doloroso, queixam-se da morte que chega de surpresa ceifando sem piedade o humano, muitas vezes aquele que tinha tanto para dar ao mundo, queixam-se de injustiças, experimentem aqueles segundos, pior do que a surpresa da morte é o conhecimento exacto do momento da mesma…

A ampulheta ficou vazia…

Bruno Pereira e Susana Catalão

Espaço Fotografia

Tiago Faria

<u>Aniversário</u>

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,
O que fui de coração e parentesco.
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...

A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo grelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos ...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos. . .

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira! ...

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

Álvaro de Campos

Susana Carvalho Machado

Súplica

Agora que o silêncio é um mar sem ondas,
E que nele posso navegar sem rumo,
Não respondas
Às urgentes perguntas
Que te fiz.
Deixa-me ser feliz
Assim,
Já tão longe de ti como de mim.

Perde-se a vida a desejá-la tanto.
Só soubemos sofrer, enquanto
O nosso amor
Durou.
Mas o tempo passou,
Há calmaria...
Não perturbes a paz que me foi dada.
Ouvir de novo a tua voz seria
Matar a sede com água salgada.

Miguel Torga

Marco dos Santos

Kyrie

Em nome dos que choram,
Dos que sofrem,
Dos que acendem na noite o facho da revolta
E que de noite morrem,
Com esperança nos olhos e arames em volta.
Em nome dos que sonham com palavras
De amor e paz que nunca foram ditas,
Em nome dos que rezam em silêncio
E falam em silêncio
E estendem em silêncio as duas mãos aflitas.
Em nome dos que pedem em segredo
A esmola que os humilha e os destrói
E devoram as lágrimas e o medo
Quando a fome lhes dói.
Em nome dos que dormem ao relento
Numa cama de chuva com lençóis de vento
O sono da miséria, terrível e profundo.
Em nome dos teus filhos que esqueceste,
Filho de Deus que nunca mais nasceste,
Volta outra vez ao mundo!

José Carlos Ary dos Santos

O Homem da Máscara de Ferro (The Man in the Iron Mask)

Provavelmente sou um pouco suspeita para falar deste tipo de filme, até porque sou uma fá incurável de filmes históricos. Este filme em concreto, aliás, foi um dos primeiros a levar-me para a predilecção por este género. Começando pela magnífica banda sonora, que parece transportar-nos directamente para a época, e continuando na magnífica interpretação de actores como Gabriel Byrne e Jeremy Irons, este é um filme capaz de ficar na cabeça do espectador durante muito tempo.

E quanto ao livro? Bem, diga-se antes de mais que igualar a qualidade de uma intriga tão complexa como a de "o Visconde de Bragelonne", de Alexadre Dumas afigurava-se uma tarefa difícil. Os criadores deste filme, contudo, parecem ter encontrado uma solução inteligente, ao desenvolverem uma história que, apesar de baseada no livro, tem uma série de pontos divergentes, mas que, com todas as suas diferenças, não deixa saudades do livro, uma vez que se centra num aspecto secundário deste.

Em suma, recomendo ambos: o filme e o livro. Muito diferentes naquilo que o constitui, têm em comum o fascínio de uma época profundamente cativante, e uma qualidade inegável.

Carla Ribeiro

Sítios onde a escrita flui

Pediram-me para falar um pouco sobre os sítios que me inspiram quando escrevo. Depois de muito pensar percebi que ia ser difícil responder a este desafio. Não sou uma pessoa com lugares fixos que me sirvam de fonte de inspiração...eu funciono um pouco ao contrário. Primeiro inspiro-me...depois procuro o sítio que me vai servir de fundo para fazer crescer essa inspiração.

Para me sentir inspirada, eu preciso de muita falta de sono..de uma perturbação infinita a galopar na mente e sobretudo preciso de sentir uma emoção forte.

Quando escrevo sou profundamente egoísta, não olho para os problemas dos outros ou para qualquer realidade alheia à minha...escrevo de mim para mim. É uma espécie de monólogo em cativeiro, onde eu sou a escrava e ao mesmo tempo a rainha das palavras que me habitam a mente.

A inspiração para um poema ou para uma montanha de palavras soltas aguçadas, pode surgir de repente..geralmente surge sempre sem aviso prévio. É algo que se vai espalhando naturalmente pelo meu corpo e depois desagua inevitavelmente naquilo que considero ser o mais próximo de uma alma que eu talvez possua cá dentro. Em algum recanto escondido ou se calhar até mesmo visível a olho nu eu sei que tenho um pedaço que por vezes deixo na sombra outras vezes ilumino sem cessar...mas eu tenho um lugar dentro de mim que me inspira...que me solta a língua quando preciso gritar e o grito sai disparado contra uma parede pintada de branco.

O mundo inspira-me quando se faz silêncio para mim... O silêncio é o meu rastilho de pólvora..o meu segredo para ter sempre palavras debaixo dos dedos. O silêncio é a minha caixa de tintas e tem todas as cores que preciso para pintar um sentimento. Tem o vermelho da raiva e da paixão..das rosas amantes e dos cravos que não respiram liberdade mas anseiam tê-la. Tem o amarelo do medo e da frustração...do sol que aquece mas não dura mais do que um dia em chamas...tem a cor dos rebuçados de limão que se adoram porque são doces mas não enjoam por uma suposta acidez que exibem nas papilas gustativas.

Tem a cor que mais me intensifica...tem o azul..o azul da tristeza e da calma...da cor do céu quando lhe roubam as estrelas e lhe escondem as nuvens..azul da cor dos meus sonhos quando deixam de ser pérolas cor-de rosa.

Depois a inspiração manda em mim...guia-me os passos. Já me fez não conseguir adormecer enquanto não escrevesse o que estava a sentir e todas as palavras que me fluiam no pensamento. Então levantei-me apressada sem ligar a luz, e escrevi tudo o que estava a ecoar na mente iluminada pela luz de presença de um telemóvel.
Já escrevi num mini-bloco de notas só com o mar como companhia e o silêncio das ondas...sempre o silêncio presente nos cenários que me despertam as palavras. Um jardim repleto de flores também já foi tela para os meus quadros falados pela mudez de uma

caneta.
Já fiz um poema sussurrando ao ouvido de alguém...sem folhas de papel...sem dedos sujos de tinta mas sujos de paixão.
Depois também escrevo como escrevem todos os poetas da actualidade, escrevo sentada a uma secretária com uma música a alimentar-me as memórias e um piano de teclas negras a tocar para mim... aí o silêncio dá lugar a uma melodia que obriga os meus dedos a dançar em cima do piano e a harmonia é perfeita.
A poesia é livre..no espaço..no tempo e nas emoções...
Não me importa o lugar que escolho para escrever..porque geralmente é ele que me escolhe a mim...e eu simplesmente obedeço.

Daniela Pereira

Agenda Literária

- Apresentação do livro *Uma Noite com o Fogo*, de António Manuel Venda; Livraria Bertrand da Av. de Roma (Lisboa), 1 de Abril pelas 18h30
- Apresentação do livro *Lua: A Princesa da Floresta Dourada*, de Anabela Lopes; Auditório da Universidade de Aveiro, 1 de Abril pelas 21h30
- Apresentação do livro *Pneuma*, de Luís Carlos Patraquim: Livraria Pó dos Livros, 2 de Abril pelas 18h30.
- Apresentação do livro *Páginas de Caça na Literatura de Trás-os Montes*, organizado por A. M. Pires Cabral; Biblioteca Dr. Júlio Teixeira (Vila Real), 2 de Abril pelas 21h30
- Apresentação do livro *Quem Sabe, Amanhã Será Primavera!...*, de Albino Santos e Maria Mamede; Auditório do G.C.T. do BES, Av. dos Aliados, 3 de Abril pelas 21h30
- Lançamento do livro *Diários – Escritas quase Inverosímeis*, de Goreti Dias; Casa Juvenil S. João Bosco (Porto), 4 de Abril pelas 15h00.
- Apresentação do livro *Interlúdios da Certeza*, de Vicente Ferreira da Silva; Auditório no Campo Grande (Lisboa), 4 de Abril pelas 16h00
- Lançamento do livro *Não Existes ou o breve manual prático de como esquecer um amor antigo*, de Gonçalo Lobo Pinheiro; Auditório no Campo Grande (Lisboa), 4 de Abril pelas 19h00
- Apresentação do livro *As Noites da Viúva*, de Luís Coelho; Biblioteca Municipal de Gaia, 4 de Abril pelas 16h00.
- Lançamento da *II Antologia de Poetas Lusófonos*; Mosteiro Santa Maria da Vitória (Batalha), 5 de Abril pelas 15h30.
- Apresentação do livro *Dualidades*, de Carla Ribeiro e Susana Catalão; Biblioteca Dr. Júlio Teixeira (Vila Real), 7 de Abril pelas 21h30
- Espectáculo poético sobre o livro *Dualidades*, de Carla Ribeiro e Susana Catalão; Conta Coisas (Vila Real), 7 de Abril pelas 23h00.
- Apresentação do livro *Outros Contos da Montanha*, de Isabel Mateus; Biblioteca Dr. Júlio Teixeira (Vila Real), 15 de Abril pelas 21h30
- Apresentação do livro *As Noites da Viúva*, de Luís Coelho; ES Inês de Castro (Canidelo), 16 de Abril pelas 21h30.
- Apresentação do livro *Viagem à Alemanha*, de Ana Costa e Joana Tavares; Auditório da Universidade Sénior (Gondomar), 17 de abril, pelas 21h30
- Apresentação do livro *Trovas de Cetim*, de Sandra Pinto; Café Majestic, 18 de Abril pelas 21h30
- Apresentação do livro *O Segredo da Fonte Queimada*, de Manuel Cardoso; Biblioteca Dr. Júlio Teixeira (Vila Real), 21 de Abril pelas 21h30

Comentário Final

Saudações, caríssimos leitores. É um prazer reencontrá-los neste novo número da Alterwords. Neste terceiro número, deixamos para trás duas importantes efemérides, que não podia deixar de referir pela importância que, muitas vezes, adquirem na magia da inspiração.

Falo é claro da chegada da Primavera e também do Dia Mundial da Poesia. Entramos numa nova fase do ano e as mudanças que se operam na natureza em redor reflectem-se muitas vezes dentro de nós próprios. Que melhor altura para dar voz aos pensamentos que nos cantam ao coração?

Um poema breve, um conto… e, porque não, um romance? O importante é reflectir no papel aquilo que temos dentro e abrir as portas do sonho para que o veja quem quiser. Continuar a dar voz àquilo que, de outra maneira esconderíamos… E, palavra a palavra, vamos encontrando o sonho, criando novas imagens por dentro de outras imagens… "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce."

Mas divago… Resta-me pois concluir com a esperança de que tenham apreciado este terceiro número da vossa Alterwords… E, mais uma vez, reiterar o desafio… Se têm algo na gaveta que gostariam ver nesta revista, então não se acanhem! Nós estamos aqui para ler.

Leiam, escrevam e, acima de tudo, sonhem. Encontramo-nos no mês que vem.

Carla Ribeiro

Ficha Técnica

Alterwords, n.º 3

Edição de Abril de 2009

Periodicidade: Mensal

Direcção: Bruno Pereira

Coordenação: Carla Ribeiro

Design: Carla Ribeiro

Fotografia: Susana Carvalho Machado, Marco dos Santos, Tiago Faria

Capa e Ilustração: Carla Ribeiro

Autores Residentes: Bruno Pereira, Carla Ribeiro, Daniela Pereira, Liliana Duarte, Liliana Lopes, Miguel Pereira, Susana Carvalho Machado e Susana Catalão

Colaboradores desta edição: Alexandre Homem Dual, Ana Santos, Catarina Coelho, Inês Soares, João Carlos Silva, José Eduardo Rodrigues, Tiago Faria

Website: www.freewebs.com/alterwords

Contactos:

alterwords@gmail.com

carianmoonlight@gmail.com (Carla Ribeiro)

redrum.666.damien@gmail.com (Bruno Pereira)